

○ O METALÚRGICO

Órgão Oficial do Sindicato
dos Metalúrgicos de Santo
André e Mauá

Sede Santo André: Rua Gertrudes
de Lima, 202. Telefone: (11) 4993-8999

Sede Mauá: Av. Capitão João, 360
Telefone: (11) 4555-5500



CHEGA DE CANSAÇO CHEGA DE 6X1



**Depois do IR zero, cresce a luta pelo fim
da escala 6x1; presidente Lula defende
mudança na jornada de trabalho**

DESCANSAR NÃO É LUXO. É DIREITO!



Adilson Sapão
Presidente do
Sindicato dos
Metalúrgicos de
Santo André e Mauá
adilsonsapao

Brasil, durante muito tempo, tratou o descanso como luxo e o cansaço como mérito. Trabalhar até a exaustão virou sinônimo de caráter. Descansar, quase um desvio moral. Criou-se, assim, uma lógica perversa: quem aguenta mais sofrimento seria mais digno; quem precisa parar, mais fraco.

A escala 6x1 nasce diretamente dessa mentalidade. Ela não existe porque seja moderna, eficiente ou produtiva. Existe porque o patronato naturalizou a ideia de que o trabalhador deve ser explorado até o limite físico, mental e emocional.

Por isso, quando o



presidente Lula afirma, em recente entrevista ao site UOL, que está claro que o país precisa mudar sua jornada de trabalho, ele não está “criando um problema”. Está, na verdade, dando nome a um problema antigo, estrutural, que sempre esteve aí, mas que muitos preferiram

fingir que não existia. A pergunta central não é se o Brasil pode acabar com a escala 6x1. A pergunta incômoda é outra: por que demoramos tanto para enfrentar essa discussão? Direito ao descanso é direito à saúde. É direito à convivência familiar. É direito ao lazer, ao es-

tudo, ao tempo livre. É, sobretudo, direito à vida fora da fábrica, do balcão, do escritório e do aplicativo. O movimento sindical sabe disso há décadas. Essa não é uma pauta nova, nem uma moda importada. É uma reivindicação histórica de quem sempre esteve do lado

de quem produz a riqueza deste país. Agora, mais do que clareza política, é hora de mudança concreta. Porque viver não pode ser privilégio de quem não precisa trabalhar. Reduzir a jornada é respeitar quem trabalha. É garantir saúde. É afirmar dignidade. É fazer justiça social.

**A VOZ DA FÁBRICA
TAMBÉM PASSA NA SUA TV**
toda quinta-feira, às 18:30



Sindicato na Eco TV
Canal 8 da Vivo
Canal 9 da Claro

VOCÊ SABIA? TRABALHADOR SINDICALIZADO FORTALECE A LUTA POR MAIS RENDA E DIREITOS



Se hoje o trabalhador tem jornada definida, descanso semanal, férias, PLR, vale-alimentação e condições mínimas de trabalho, isso não veio por bondade do patrão. Veio de luta. Veio de sindicato.

Tudo foi conquistado com mobilização. Teve um tempo em que trabalhar 12 ou 14 horas por dia era tratado como normal. Descansar era visto como preguiça. Foi o movimento sindical, na luta da classe trabalhadora, que colocou limite nessa exploração e transformou direito em lei.

Por isso é bom falar claro: direito trabalhista tem história. E essa história foi escrita por trabalhador organizado. Ser sindicalizado não é favor. É proteção. Sozinho, o trabalhador fala baixo. Junto, fala alto. Quanto mais forte o sindicato, mais força tem a categoria para negociar salário, defender direitos e garantir respeito.

Não é à toa que o patrão e o grande capital vivem atacando os sindicatos. Eles sabem que, sem organização, fica mais fácil explorar, pagar menos e exigir mais. Sindicalizar-se é defender o próprio bolso, mas também o tempo de vida. É lutar por salário digno, descanso, saúde e qualidade de vida para a família.

O que acontece sem atuação do Sindicato?

- Salário cresce menos ou nem cresce
- Não há negociação
- Direitos viram “benefícios” que podem ser cortados
- Jornada aumenta, descanso diminui
- Patrão decide sozinho
- Trabalhador fica isolado

**ACOMPANHE AS AÇÕES DO
SINDICATO NAS REDES SOCIAIS**

@sindmetalsa
 @sindmetalsa
 @sindmetalsa
 @sindmetalsa
 (11)97522-4886
 www.sindmetalsa.org.br

O SALÁRIO AVANÇOU. O TEMPO DE VIDA, NÃO.

Após a vitória do IR zero para salários de até R\$ 5 mil, a luta sindical avança para outro desafio histórico: reduzir a jornada e romper com a escala 6x1 que retira o tempo de vida do trabalhador.

A frase dita pelo presidente Lula em entrevista ao UOL é mais do que uma opinião: é um retrato do que o trabalhador vive todo dia. “Está claro que precisamos mudar a jornada de trabalho neste país.” Uma fala direta para quem vive do próprio suor, conhece a história das lutas sindicais e sabe que progresso não é só número bonito em relatório, mas também o tempo que sobra depois do apito final.

A recente conquista da isenção do Imposto de Renda para quem ganha até R\$ 5 mil foi um avanço importante no bolso do trabalhador. Mas ela também es-



Nas ruas, o grito contra a jornada desumana: trabalhadores dizem não à escala 6x1 e exigem tempo para viver.

cancara uma pergunta simples e dura: de que adianta ganhar um pouco mais se continua faltando tempo para viver? Trabalhar seis dias para descansar só um não é escolha. É regra empurrada goela abai-

xo há décadas. O Brasil se acostumou a tratar o tempo do trabalhador como se não tivesse fim, algo que pode ser puxado, apertado e gasto até a última gota. Quando Lula diz que o país precisa

mudar sua jornada de trabalho, ele não está falando de sonho distante. Está falando de realidade. Está perguntando por que, depois de tanta máquina nova, tanta tecnologia e tanta produtividade,

o trabalhador continua saindo de casa de madrugada e voltando exausto, como se o tempo tivesse parado. Essa luta não começou agora. A redução da jornada sempre esteve na pauta do mo-

vimento sindical, nas assembleias, nas campanhas salariais e nas greves do século passado. Mais recentemente, ganhou novo fôlego com a proposta apresentada pela deputada federal Erika Hilton, que trouxe esse debate de volta para a conversa do dia a dia.

Agora, com o presidente da República dizendo claramente que a jornada precisa mudar, a discussão ganha outro peso. Já não é só uma reivindicação sindical. É uma conversa séria sobre saúde, sobre família, sobre tempo de descanso e sobre respeito a quem move este país com o próprio trabalho.

O QUE É A ESCALA 6X1?

Na prática, significa:

- 6 dias consecutivos de trabalho
- Apenas 1 dia de descanso semanal
- Jornadas longas e pouco convívio familiar
- Aumento do adoecimento físico e mental

Resultado: menos vida fora do trabalho e mais exaustão dentro dele.

POR QUE O DEBATE SOBRE O FIM DA ESCALA 6X1 VOLTOU AGORA?

- A proposta da deputada Erika Hilton recolocou em pauta o fim da escala 6x1
- A defesa do fim da escala 6x1 sem redução de salários ganha força no debate público
- Lula assume publicamente que o país precisa mudar a jornada de trabalho
- A sociedade começa a questionar o custo humano das jornadas exaustivas

NÃO É MODA, É LUTA HISTÓRICA

Desde sempre, os sindicatos combatem as longas jornadas de trabalho no Brasil:

- No início da industrialização, jornadas de 12 e até 14 horas eram impostas aos trabalhadores
- Foi a luta sindical que arrancou limites para a jornada e garantiu o descanso semanal na CLT
- Cada direito conquistado nasceu de greve, mobilização e organização coletiva

Direitos não nascem prontos. São conquistas.

LULA VOLTA A MAUÁ COM OBRA, ESCOLA E INVESTIMENTO PÚBLICO

Presidente volta à cidade com obra na saúde e escola pública saindo do papel.

O presidente Lula visitou Mauá nesta segunda-feira (9). Quinze meses depois da última visita, ele retorna à cidade não para fazer discurso de campanha, mas para assinar papel que vira obra, serviço e futuro.

A última vez que Lula esteve na cidade foi durante o segundo turno das eleições municipais. Agora, um dos principais atos da visita foi a assinatura da ordem de serviço da Policlínica, que

será construída na Vila Assis Brasil. A obra foi uma das principais promessas de Marcelo Oliveira na campanha e começa, enfim, a sair do papel.

O edital foi lançado em outubro do ano passado. O investimento total é de R\$ 29,6 milhões, sendo R\$ 17 milhões do governo federal, por meio do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), e R\$ 12,6 milhões de contrapartida da Prefeitura. O prazo para

conclusão dos trabalhos é de 20 meses.

Na prática, isso significa mais atendimento, mais especialidades e menos gente esperando meses por consulta. É saúde pública perto de casa, no bairro, onde o povo mora.

Além da Policlínica, Lula também formalizou a compra do prédio onde funcionará o Instituto Federal de São Paulo (IFSP). O imóvel fica na Vila Noêmia, no prédio da antiga Faculdade



De volta a Mauá, Lula fala ao público e formaliza investimentos que viram obra, escola e serviço público.

Fama, e o valor da aquisição gira em torno de R\$ 30 milhões. Quando estiver em funcionamento, o novo campus deve

formar até 800 alunos por ano. Jovens e trabalhadores que hoje têm poucas opções passam a ter acesso à formação

técnica pública, gratuita e de qualidade, mais estudo, mais qualificação e mais chance de emprego decente.

SINDICATO ENTRA NA JUSTIÇA CONTRA A LIPOS POR FALTA DE FGTS

Ação coletiva cobra depósitos do FGTS de trabalhadores com contrato ativo; decisão de primeira instância reconhece o direito e empresa recorre ao TRT.

O Sindicato ingressou com ação coletiva contra a empresa Lipos, em Mauá, por falta de recolhimento do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS). Direito básico. Dinheiro do trabalhador. E que não pode ficar para depois.

A Justiça do Trabalho já analisou o caso em primeira instância e decidiu que a empresa deve proceder com o recolhimento dos depósitos de FGTS de todos os trabalhadores e trabalhadoras com contrato de trabalho ativo. A sentença reconhece que o FGTS não é favor, é obrigação legal.

Com o trânsito em julgado da ação coletiva, cada empregado deverá promover, de forma individual, a execução da sentença, para garantir o recebimento dos valores devidos. Na prática, a decisão abre caminho para que o direito saia do papel e chegue ao



Diretor Brito

bolso de quem trabalhou.

Segundo o advogado do Sindicato, Dr. Marcelo Firmino, a empresa não aceitou a condenação. “A Lipos, inconformada com a decisão de primeira instância, ingressou com recurso junto ao Tribunal Regional do Trabalho, buscando reverter a sentença condenatória. O processo agora aguarda julgamento no TRT de São Paulo, onde será decidido se a sentença será mantida ou reformada”, explicou.

Ou seja: a luta continua. E o Sindicato segue acompanhando cada passo do processo, sem sol-

tar a mão de quem está na linha de produção.

Para o diretor do Sindicato, Brito, a ação mostra o papel fundamental da entidade na defesa dos direitos da categoria. “O Sindicato entrou na briga porque direito não se pede, se exige. Assim que sair a decisão do Tribunal, vamos informar os trabalhadores e orientar sobre os próximos encaminhamentos”, afirmou.

FGTS é salário guardado. É segurança. É futuro. Quando a empresa falha, o Sindicato age. E a luta segue, até o direito ser cumprido.

NOTA DE REPÚDIO À VIOLÊNCIA POLICIAL E ÀS PRÁTICAS ANTISSINDICAIS CONTRA OS METALÚRGICOS DA GRANDE CURITIBA



Solidariedade ao companheiro Nelsão da Força

O Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André e Mauá manifesta seu mais veemente repúdio à violência policial e às práticas antissindicais ocorridas durante a mobilização legítima dos trabalhadores e trabalhadoras da empresa Brose, em São José dos Pinhais (PR).

É inadmissível que, em pleno Estado Democrático de Direito, a luta por melhores salários e condições de trabalho seja tratada como caso de polícia. A repressão a manifestações pacífi-

cas e organizadas fere princípios constitucionais fundamentais, como o direito à livre organização sindical, à negociação coletiva e à manifestação.

Diante desses fatos, o Sindicato se solidariza integralmente com os metalúrgicos e metalúrgicas da Grande Curitiba, com sua diretoria e, em especial, com o presidente Sérgio Butka, que conduzem essa luta de forma responsável, democrática e legítima.

Reafirmamos que não há crime em lu-

tar por direitos. O papel do Estado é garantir a ordem democrática e proteger os cidadãos e não intimidar trabalhadores que reivindicam condições dignas de vida e trabalho. Por isso, o Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André e Mauá se coloca ao lado dos companheiros e companheiras da Brose e do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba, reafirmando seu apoio irrestrito à luta sindical, ao diálogo social e ao respeito aos direitos trabalhistas.

COMPENSAÇÃO DE DIAS-PONTE É APROVADA NA HSA



Em assembleia realizada no dia 4 de fevereiro, os trabalhadores e trabalhadoras da empresa HSA, em Mauá, aprovaram a proposta de compensação dos dias-ponte. A assembleia foi coordenada pelo diretor Brito, ao lado da diretora Ilca Almeida, que apresentaram a proposta e conduziram o debate com os compa-

nheiros no local de trabalho.

A compensação dos dias-ponte permite uma melhor organização da jornada, evitando perdas salariais e garantindo mais previsibilidade no calendário de trabalho. Na prática, significa mais tempo de descanso planejado.

Para o diretor Brito, a aprovação é uma vitória impor-

tante da negociação coletiva. “A compensação dos dias-ponte ajuda a organizar melhor a jornada, dá mais segurança para o trabalhador e contribui diretamente para melhorar as condições de trabalho e a qualidade de vida. É mais um exemplo de como o diálogo e a organização garantem melhorias”, afirmou.

ELEIÇÕES DA CIPAA

MAX TEC

Inscrições:
27/01 a 10/02
Eleição:
11/02

AL SISTEMA

Inscrições:
27/01 a 11/02
Eleição:
20/02

TENNECO

Inscrições:
26/01 a 09/02
Eleição:
13/02

VBG SERVIÇOS

Inscrições:
23/01 a 24/02
Eleição:
26/02

MOLDES E MODELOS

Inscrições:
13/01 a 02/02
Eleição:
13/02

SGS

Inscrições:
30/01 a 13/02
Eleição:
26/02

Nota de Pesar: Paulo de Andrade

O Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André e Mauá manifesta seu profundo pesar pelo falecimento do companheiro Paulo de Andrade, trabalhador da Marelli, ocorrido na quarta-feira (04).

Neste momento de dor, o Sindicato se solidariza com a família, colegas e amigos, desejando força para enfrentar essa perda. Que a memória do companheiro Paulo seja lembrada com respeito e dignidade.



NOTA DE REPÚDIO

Paulo passou mal durante a jornada de trabalho e sofreu um infarto dentro da empresa. Mesmo diante da gravidade da situação e com o corpo do trabalhador ainda no interior da fábrica, a empresa manteve o funcionamento normal da produção, numa postura desumana e desrespeitosa.

Diante disso, o diretor-tesoureiro Rafael Loyola, representando o Sindicato e em diálogo com os trabalhadores, exigiu a imediata suspensão das atividades. A paralisação da produção ocorreu como um ato de respeito ao companheiro Paulo e à sua memória, fruto da intervenção do Sindicato junto aos trabalhadores, e não por iniciativa da empresa.